

Combater violência doméstica contribui para a competitividade

A secretária de Estado para a Igualdade defendeu que, “num momento de crise, este problema tem de estar no centro das nossas preocupações”

João Henriques

Elza Pais, secretária de Estado para a Igualdade, afirmou, ontem, no Governo Civil de Coimbra, que combater a violência doméstica é, mais do que «um sinal de direitos humanos e de justiça, um factor de competitividade». A afirmação foi proferida na cerimónia de abertura da sessão “Violência Doméstica e Condições de Trabalho”, a primeira de três do Fórum “Empresas contra a Violência Doméstica” promovido pelo Governo Civil de Coimbra e pelo Grupo Violência: Informação, Investigação, Intervenção.

«Além de ser um problema de direitos humanos, combater a violência doméstica é um imperativo económico e social. Se, num momento de crise, queremos ultrapassar a crise, aproveitando também esta oportunidade para criarmos uma nova organização económica e social, este problema tem de estar no centro das nossas preocupações», defendeu Elza Pais, que revelou dados internacionais para dar conta que os custos deste crime variam entre 1,6 e 2 por cento do Produto Interno Bruto de um país.

«Combater a violência doméstica é garantir a sustentabilidade e o desenvolvimento de um país e as empresas que apostam neste combate têm visão de futuro, são empresas que sabem que não podem desperdiçar

recursos humanos e as mulheres são centrais, não só por uma questão de justiça social, mas por uma questão de desenvolvimento e competitividade. As empresas que apostam na diversidade de recursos são mais competitivas», frisou, antes de apelar à denúncia deste crime público e ao trabalho conjunto, uma vez que «o Estado sozinho não conseguirá ser tão eficaz».

Segundo Elza Pais, «neste momento, todos os dias, 84 pessoas apresentam queixa por violência doméstica», sendo que «20 por cento são homens». Na sua intervenção, Henrique Fernandes falou de «um problema de todos nós», com o governador civil de Coimbra a destacar, também, os reflexos da violência doméstica na produtividade no trabalho e na competitividade das empresas, defendendo que, «hoje em dia, entre marido e mulher deve meter-se a colher».

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA INFLUENCIA VIDA PROFISSIONAL

Aproveitando um número avançado na intervenção do sociólogo Manuel Lisboa, que revelou que as vítimas de violência doméstica têm 393 por cento mais de probabilidades de tentarem o suicídio, valor que não inclui as tentativas sob o efeito do álcool, o psiquiatra João

Redondo reforçou que «as pessoas não bebem para se suicidar», acrescentando que, perante a violência doméstica, «perdem-se as máscaras e fica-se com uma face para tudo». O coordenador do Serviço de Violência Familiar do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Coimbra anunciou, ainda, que «as crianças expostas à violência doméstica têm seis vezes mais risco de poderem vir a morrer antes dos cinco anos».

“Obrigadas a viver num mundo paralelo”

Baseando-se num estudo sobre os custos da violência praticada contra as mulheres, que deu origem ao livro “Prevenir ou Remediar”, publicado em 2006, Manuel Lisboa deu conta que «uma mulher vítima de violência doméstica tem um custo acrescido com a saúde de 140 euros por ano», sendo que «90 por cento [127 euros] daqueles custos são suportados pelo Serviço Nacional de Saúde».

De seguida, o director do Observatório Nacional de Violência e Género divulgou que «15 por cento dos custos com a saúde relativos à violência doméstica são imputáveis ao absentismo no trabalho». Manuel Lisboa revelou as probabilidades das vítimas deste fenómeno terem dificuldade em arranjar emprego (69 por cento mais provável), dificuldade em ser promovidas (74 por cento) e despe-



ELZA PAIS apelou à denúncia deste crime público e ao trabalho conjunto

dimento e/ou auto-despedimento (107 por cento).

«O que temos vindo a constatar é que as mulheres vítimas de violência doméstica são obrigadas a viver numa espécie de mundo paralelo, que afecta toda a sua vida e naturalmente tem implicações na esfera profissional», observou o professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, antes de divulgar que as vítimas de violência doméstica têm maior apetência para «o desespero, sentir o vazio, o desânimo e a auto-desvalorização», assim como têm «maior ideação suicida [121 por cento mais provável entre as vítimas de violência doméstica]».

Manuel Lisboa assumiu que «a violência doméstica já não é só um problema de direitos humanos, é um problema político», enquanto João Redondo

defendeu que a denúncia destes casos «não é intrusão nenhuma na vida do outro», destacando a importância de existir no local de trabalho informação sobre este crime e sustentando que todos os empregadores devem conhecer a rede de cuidados existente na sua área para responder a estas situações. No debate moderado por Manuel

Albano, vice-presidente da Comissão para a Igualdade de Género, Luís Lopes, coordenador executivo para a promoção da segurança e saúde no trabalho da Autoridade para as Condições de Trabalho, sublinhou que, «se queremos abordar este problema em contexto laboral, temos de incluir as empresas e os sindicatos».

Violência doméstica também afecta a economia

Especialistas analisaram incidências
e reflexos na vida profissional

